

## AS MULHERES SEGUIAM E SERVIAM JESUS EM LC 8,1-3

*Cleide Bom Rodrigues\**  
*Ildo Perondi\*\**  
*Patrícia Zaganin Camilo Rosa\*\*\**

### **Resumo**

*O texto de Lc 8,1-3 relata que um grupo de mulheres da Galileia seguia a Jesus e o servia. Há uma dificuldade em precisar a que tipo de bens o autor estava se referindo. Uma análise do termo grego yparchónton é imprescindível para compreender o alcance teológico que Lucas quis dar à expressão. O termo não pode ser traduzido apenas como se referindo aos bens econômicos e materiais, pois reduziria a ação desta diaconia feminina. A interpretação mais apurada da expressão grega yparchónton indica que as mulheres serviam a Jesus a partir de suas possibilidades, de acordo com o carisma que cada qual possuía. Então pode-se afirmar que o serviço e o seguimento não dependem da posição social, política ou religiosa para servir a Jesus, à Igreja e à sociedade. Com suas condições e possibilidades as mulheres contribuem muito em nossas comunidades na conquista de políticas públicas para o bem comum e para o Reino de Deus.*

**Palavras-chave:** Lucas. Serviço. Mulheres. Yparchónton. Políticas públicas.

### **Abstract**

*The text of Luke 8,1-3 reports that a group of women from Galilee followed Jesus and served him. There is a difficulty in specifying what kind of goods the author was referring to. An analysis of the Greek term yparchónton is indispensable to understand the theological scope that Luke wanted to give to the expression. The term cannot be translated merely as referring*

\* Graduada em Teologia pela PUCPR, atua nas CEBs e pastorais na Arquidiocese de Londrina.

\*\* Mestre em Teologia Bíblica pela Universidade Urbaniana de Roma; Doutor em Teologia Bíblica pela PUC Rio; Professor de Sagradas Escrituras na Graduação e no PPGT da PUCPR.

\*\*\* Mestre em Teologia pela PUCPR, coordenadora do Curso de Especialização em Teologia Bíblica da FAVI, assessora Escolas Bíblicas e Teológicas.

*to economic and material goods, because it would reduce the action of this female diakonia. The most accurate interpretation of the Greek expression yparchónton indicates that women served Jesus from their means, according to the charism each one possessed. Thus, we can say that service and discipleship do not depend on social, political or religious position to serve Jesus, the Church and society. With their conditions and means, women contribute a lot to our communities in achieving public policies for the common good and for the Kingdom of God.*

**Keywords:** *Luke. Service. Women. Yparchónton. Public policies.*

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar e interpretar a palavra grega *yparchónton* (bens), na expressão “serviam com seus bens” usada por Lucas na perícopre de Lc 8,1-3 e atualizar para a realidade de hoje, sobretudo na busca de políticas públicas para o bem comum da sociedade, como propõe a Campanha da Fraternidade de 2019. A perícopre está inserida na parte do Evangelho que narra o ministério de Jesus na Galileia, e é nesse contexto que o evangelista demonstra a “importância que Ele dá às mulheres: em Lucas aparecem mais mulheres do que nos outros três evangelhos” (McKENZIE, 2003, p. 558).

O evangelista relata a atitude de seguimento e de serviço que algumas mulheres, depois de curadas e libertadas dos seus males, faziam parte da comitiva de Jesus, em sua missão de anunciar a boa notícia do Reino de Deus desde a Galileia, enquanto atravessava cidades e povoados. Elas serviam Jesus e o seguiam juntamente com os Doze, que também o acompanhavam.

As bíblias, em geral, traduzem a expressão grega *yparchónton* indicando que as mulheres serviam “com os seus bens”, o que proporciona uma interpretação de que estes bens se referem a posses econômicas. Porém, é imprescindível uma melhor análise do significado do termo grego e com isso questionar se esses bens eram apenas posses materiais.

Analisando minuciosamente a expressão grega *yparchónton*, encontram-se outros significados, como: recursos, modo de ser, essência, possibilidades etc. que alargam o sentido da perícopre. Entender o real significado da expressão *yparchónton* contida em Lc 8,3b pode revelar uma riqueza de significados. Com isso é possível verificar em quais condições essas mulheres serviam no ministério de Jesus e como se deu este seguimento, uma vez que era inconcebível, na época, que a mulher tivesse tal atitude.

### 1. Lucas e sua obra

A passagem de Lc 8,1-3 está presente apenas no Evangelho de Lucas e uma das suas características é que o terceiro evangelista se mostra tão sensível

às causas femininas. O autor não conheceu Jesus pessoalmente, mas se encantou com seu projeto ao ouvir as pregações de Paulo, pois fora seu discípulo e companheiro nas viagens (At 16,10-17; 20,5-21,18; 27,1-28,16), e conseqüentemente companheiro também na prisão (Cl 4,10-14). Lucas é portador de uma personalidade cativante e de uma alma delicada. Murad o chama de “habilidoso artesão da Palavra de Deus” (2012, p. 53).

Seus escritos, o terceiro evangelho e Atos dos Apóstolos, apresentam uma visão antropológica de Jesus onde não faz acepção de pessoas, por isso apresenta o Mestre Jesus como aquele que acolhe os pobres, oprimidos e marginalizados. Em seu Evangelho apresenta o caminho de Jesus, enquanto o caminho da Igreja é relatado em Atos e ambos (os escritos) formam o caminho da salvação. O verbo “caminhar” em Lucas é constante: Jesus é o caminho (At 9,2; 18,25-26; 19,9.23); é Jesus que vai à frente (Lc 7,11; 9,11; 23,27) e todos o seguem: os apóstolos, os discípulos, as mulheres (8,3; 23,27.49.55), as multidões (7,11; 9,11; 23,27), Simão de Cirene leva a cruz atrás de Jesus (23,26), os amigos de Jesus o acompanharam desde a Galileia (23,49); Ele caminha com os discípulos na estrada de Emaús (24,13-35).

Lucas em suas narrativas deixa transparecer sua consciência da integração do masculino-feminino na missão. Por isso é imprescindível ter esse olhar ao entrar em contato com a obra de Lucas, que, melhor do que ninguém, apresenta como características marcantes em seus escritos a integração do masculino-feminino em que apresenta a mulher e o homem lado a lado na missão, na sociedade e na família (MAZZAROLO, 2011, p. 262).

Lucas é o evangelista que apresenta a universalidade da salvação. O relato da genealogia de Jesus tem 77 nomes e começa com Adão, o representante de toda a humanidade (Lc 3,38). No Reino de Deus anunciado por Jesus estão incluídos os pobres, os excluídos, os pecadores e as mulheres. Este novo projeto substitui as relações de exploração e dominação para produzir uma libertação baseada na partilha e fraternidade.

## **2. Análise do texto de Lc 8,1-3**

O texto de Lc 8,1-3 é uma perícopé curta, porém inteira e bastante harmoniosa. Não há nenhuma fala de Jesus, apenas suas ações são citadas. No primeiro versículo é relatado o ministério de Jesus; o segundo centraliza-se no seguimento dos Doze; e o versículo terceiro retrata a diaconia das mulheres. Pode-se perceber que a perícopé não interrompe a cena do relato anterior e nem do que vem em seguida, mas tem a função de ligação entre os relatos. Ela está inserida na terceira parte da obra de Lucas: o ministério de Jesus na Galileia, e é neste contexto que o evangelista insere a presença das mulheres.

É possível perceber alguns traços comuns entre a perícopé que precede e a segue: os ensinamentos de Jesus concentram-se nas ações de amar e perdoar

(7,36-50), em curar, acolher e servir (8,1-3), as quais somente se concretizarão mediante a forma de ouvir e receber a Palavra de Deus (8,4-8).

Lucas relata que Jesus, em suas peregrinações missionárias às cidades e povoados, era acompanhado pelos Doze, como também por algumas mulheres que haviam sido curadas (8,1-3). O que chama a atenção é a atitude das mulheres em servir a Jesus. No entanto, deve-se investigar o sentido dado à expressão *yparchónton* (“bens” – proposta de tradução de algumas bíblias) para identificar de que forma era este serviço. Antes disso, será transcrita a tradução presente na Bíblia de Jerusalém para o texto de Lc 8,1-3:

<sup>1</sup>Depois disso, Ele andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa-Nova do Reino de Deus. Os Doze o acompanhavam, <sup>2</sup>assim como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, <sup>3</sup>Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Susana e várias outras, que o serviam com seus bens.

Em Lc 8,3b a expressão verbal *yparchónton* é um particípio presente ativo genitivo neutro plural de *ypárcho*. O verbo em suas várias formas ocorre cerca de 60 vezes no Novo Testamento (BUZZETTI, 1994, p. 166; REGA, 2004, p. 403). O fato de ser classificado como genitivo (traduzido geralmente com a partícula “de”, “do”, “com”), que dá uma ideia de posse, é que justifica que algumas traduções bíblicas usem a expressão “bens”. Nos escritos lucanos esse modo é usado em Lc 8,3; 12,15; 19,8; At 4,32 e fora de seus escritos só aparece uma vez na Carta aos Hebreus (Hb 10,34).

Encontra-se também a expressão *ypárchon*, que é derivada do verbo *ypárcho*, classificada como um particípio presente, ativo, nominativo, masculino, identificada quinze vezes no Novo Testamento, traduzida por “sendo” ou “estando” em At 2,30, Gl 2,14 e Fl 2,6.

### 2.1. Análise do quadro de ocorrências de *yparchónton*

A expressão *yparchónton*, além de Lc 8,3, comparece outras quatro vezes no NT:

- Lc 12,15: “Mesmo na abundância, a vida do homem não é assegurada por seus *bens*”;
- Lc 19,8: “Eis que dou a metade de meus *bens* aos pobres”;
- At 4,32: “Ninguém considerava exclusivamente seu *o que possuía*”;
- Hb 10,34: “Aceitastes com alegria a espoliação dos vossos *bens*”.

Com exceção de Hb 10,34, as outras quatro ocorrências no NT são de Lucas. Em Lc 12,15; 19,8 e Hb 10,34 *yparchónton* é empregado com o sentido de bens

materiais e econômicos. Porém em At 4,32 o termo tem um sentido de posses, indicando não necessariamente bens materiais e econômicos, como traduzem as bíblias: “o que possuía” (BJ), “coisas que lhe pertenciam” (Almeida) ou “coisas que possuía” (Pastoral e CNBB).

Há, portanto, um indício que o termo *yparchónton* pode ter outros empregos além de “bens” e é possível presumir que em Lc 8,3 as mulheres seguiam a Jesus e o serviam com o que possuíam, não significando necessariamente que se tratasse exclusivamente de bens econômicos.

## 2.2. Análise das ocorrências de *ypárchon*

Já a forma verbal *ypárchon*, de onde deriva *yparchónton*, comparece quinze vezes no NT, com o sentido de “ser/estar”. Serão reportadas quatro citações para demonstrar qual o sentido do emprego desta expressão:

- At 2,30: “*Sendo*, pois, profeta”;
- At 7,55: “Porém, *estando* [Estêvão] pleno do Espírito Santo”;
- Gl 2,14: “Se tu, *sendo* judeu, vives à maneira dos gentios”;
- Fl 2,6: “Ele, *estando na forma de Deus*”.

Na passagem de At 7,55 o verbo expressa a condição em que se encontrava Estêvão no momento em que foi martirizado. Ele estava pleno do Espírito Santo. Era esta sua condição que lhe dava força e firmeza para manter-se fiel e perseverante até o fim.

Já no texto de Fl 2,6 encontramos: “Ele estando na forma de Deus” (Bíblia de Jerusalém), ou “Ele tinha a condição divina” (Edição Pastoral e CNBB). A tradução da TEB traz a seguinte nota de rodapé:

Lit. “achando-se em forma de Deus”. Aqui e no versículo 7, *forma* exprime mais do que uma aparência: é a figura visível *manifestando o ser profundo*, ou então por alusão a Gn 1,27; 5,1, a imagem de Deus, isto é, o próprio ser de Deus em Cristo (TEB, 1994, p. 2.282) (o grifo é nosso).

Conforme o grifo “manifestando o ser profundo”, denota aquilo que cada um é na sua essência, o seu jeito de ser. Assim, detecta-se que as palavras “forma” e “condição” exprimem uma dimensão de essencialidade, também compartilhada com Zorell (1961, p. 1.358). A Bíblia Sagrada do Pontifício Instituto Bíblico, em nota de rodapé, afirma que “o termo corresponde à natureza; no texto grego, indica, em linguagem filosófica, a essência ou o princípio constitutivo de um ser; no uso comum as características da pessoa, a forma exterior”.

As outras passagens relacionadas acima (At 2,30 e Gl 2,14) fortalecem a compreensão de que as mulheres da perícopa de Lc 8,3 também serviam a Jesus

com o seu modo de ser. As demais ocorrências no NT de *ypárchon* (Lc 9,48; 16,23; 23,50; At 3,2; 17,24; 22,3; Rm 4,19; 1Cor 11,7; 2Cor 8,17; 12,16; Gl 1,14) todas podem ser traduzidas por “sendo”, o que indica uma condição da pessoa à qual se está referindo.

Desta forma, é possível questionar se a expressão *yparchónton* deve ser sempre traduzida por “bens”, uma vez que o verbo significa muito mais um estado de “ser/estar” do que a condição de “possuir” bens materiais ou econômicos.

### 2.3. Comentário sobre o uso de *yparchónton* e *ypárchon*

Buzzetti define o verbo *ypárcho* como “ser, existir, estar em, estar à disposição (*ta yparchónton*, aquilo que é possuído, propriedade, bens, meios, recursos)” (1994, p. 166-167), entrando em total concordância com os textos bíblicos já analisados. Encontram-se nesta definição de Buzzetti algumas expressões que convém explorá-las melhor, já que o termo “recursos” é bastante abrangente e significa: ato de auxílio, ajuda, socorro ou cooperação. Esta era a condição em que se encontravam as mulheres em Lc 8,3b, e isso remete à forma de proceder, jeito, dons, maneira de ser de cada uma daquelas que se colocaram à disposição para servir a Jesus.

Desse modo, sugere-se como tradução para *diekónoun autóis ék ton yparchónton autótais* de Lc 8,3b: “que o serviam a partir de seus recursos”. A diferença está marcada pela utilização do termo “recursos”, pois, como já destacamos anteriormente, este termo expressa e engloba os significados: “atributos”, “características”, “essências”, “condições”, “jeito de ser”, “meios”, “possibilidades” etc.

Há ainda outros elementos que reforçam a sugestão citada acima. A perícope em estudo cita algumas mulheres: “Maria de Magdala” que não demonstra ser uma mulher rica, apenas era uma mulher muito conhecida; “Joana, mulher de Cuza (procurador de Herodes)” que, devido ao cargo do esposo, indica que ela poderia ser de condição mais abastada; “Suzana”, cuja condição social é desconhecida; e “várias outras” que deveriam ser mulheres pobres, uma vez que Lucas sequer cita o nome delas. Portanto, o grupo feminino mencionado é bastante heterogêneo: há mulheres ricas e pobres, outras de presença marcante e outras que nem seus nomes foram citados. O que há em comum entre elas é que todas foram curadas e libertadas e, a partir disso, passaram a servir Jesus com os recursos (carismas e dons) que cada uma possuía.

Percebe-se ainda, que a ação de acompanhar e seguir Jesus é idêntica tanto para os homens como para as mulheres: “Os Doze o acompanhavam, assim como algumas mulheres que haviam sido curadas...” (Lc 8,1b-2a). Assim, a ação é de caminhar juntos, fazer comunhão na missão de anunciar e de proclamar o Reino de Deus. Pode-se, portanto, incluí-las no chamado aos discípulos relatado em Lc 5,11, onde “deixando tudo, eles o seguiram”. Fitzmyer salienta que “de acordo

com a radicalidade que caracteriza o terceiro evangelho [...], Lucas atribui aos discípulos uma renúncia absoluta, pois deixam tudo” (1987, p. 710); renúncia esta que também pode ser constatada em Lc 8,18-22: “...vende tudo o que tens, distribui aos pobres e terás um tesouro nos céus; depois vem e segue-me”, e também na declaração de Pedro: “Eis que deixamos nossos bens e te seguimos” (Lc 18,28).

Assim, percebe-se que para seguir a Jesus não é necessário ter ou produzir bens materiais, uma vez que os discípulos deixaram para trás suas ferramentas de trabalho, suas posses e suas famílias. O seguimento das mulheres narrado em Lc 8,1-3 é semelhante ao dos homens. Em nenhum lugar se diz que às mulheres se tenha ordenado que mantivessem seus bens financeiros para servir Jesus e seu grupo.

Fitzmyer dá importância a esta iniciativa revolucionária de Jesus, narrada em Lc 8,1-3 e afirma que “a atitude de Jesus com relação às mulheres, o modo como se relaciona com elas e o ato de admiti-las em seu grupo de seguidores revelam uma mentalidade radicalmente oposta ao que se encontra em passagens como Jo 4,27” (1987, p. 710), na qual até os próprios discípulos de Jesus se admiram pelo fato de Ele conversar com uma mulher.

Moracho (1994, p. 22-23) chama a atenção para a situação social da mulher no tempo de Jesus: a estrutura social da época era patriarcal, onde a mulher judia era considerada em tudo inferior ao homem, inclusive como propriedade do marido, não podendo assim usufruir dos ganhos de seu trabalho. Este fato já dá pistas de que a maior parte das mulheres da época não possuía posses. A Sagrada Escritura apresenta a viúva pobre na porta do Templo que “ofereceu tudo o que tinha, tudo o que possuía para viver” (Lc 21,4b; Mc 12,44b). E este “tudo”, referia-se a apenas duas moedinhas.

Lucas cita a presença de mulheres no grupo que acompanham e servem Jesus ainda na Galileia e dá a esse grupo feminino um lugar privilegiado. No mundo hebraico não convinha que um rabino fosse acompanhado pelas mulheres; com esta sua atitude Jesus inova, faz algo de incomum para aquela época<sup>1</sup>. A conduta de Jesus em acolhê-las destrói todas as restrições religiosas e sociais que recaíam sobre a imagem feminina. Segundo Spinetoli (1999, p. 287-289) era incomum presenciar pessoas de bem se relacionando ou sendo acompanhados por mulheres, porém, contrariando o costume, “Jesus não apenas não respeita tais tradições, mas logo as receberá também na sua escola, revolucionando os princípios da pedagogia corrente que excluía participantes femininas para o estudo da Torá”.

Devido a esta discriminação e indiferença com que a mulher era tratada é que se pode apreciar a atitude inovadora de Jesus frente ao grupo feminino que o segue. Jesus dá a elas o devido valor, dignidade e respeito. Conforme afirma

1. Um ensinamento judaico dizia: “Quem conversa muito com as mulheres, causa mal a si mesmo, desleixa as palavras da Torá e termina por herdar a *geena*” (AVOT apud CREMASCHI, 2013, p. 8).

J. Jeremias (2010, p. 494): “Jesus não se contenta de elevar a mulher acima do nível em que a tradição a mantinha, coloca-a em pé de igualdade com o homem”.

A ação das mulheres de servir a Jesus se apresenta como *diakonéo*, que segundo Grasso (1999, p. 233):

...descreve a ação do servo no interior da casa, mas na linguagem comunitária descreve a atitude dos discípulos e tem como modelo aquele de Jesus (Lc 22,26-27). A sogra de Simão representa um exemplo de serviço em resposta à experiência salvífica de Jesus que a cura (Lc 4,39). Também entre estas mulheres se instaurou a mesma relação com Ele: depois de serem curadas, elas se colocam a sua disposição, oferecendo um serviço para todo o grupo.

Este serviço prestado pelas mulheres de Lc 8,1-3 é consequência da cura que receberam e a palavra que melhor expressa esta ação é a diaconia, que é uma variante do verbo *diakonéo*. Zerwick em sua análise gramatical traduz *diekonoun* como “aquele que providencia o necessário” (1996, p. 204); já Taylor classifica como “aquele que exerce o diaconato” (TAYLOR, 2002, p. 55).

Desta forma, a atitude feminina em seguir e colocar seus carismas a serviço de Jesus se tornava um modelo para a comunidade cristã primitiva, na qual era seguida por outras mulheres, como é o caso de: Lídia (At 16,14-15), Priscila (At 18,2), Maria, Trifena, Trifosa, Pérside “que trabalharam para o Senhor” (Rm 16,6.12), Evodia e Síntique (Fl 4,2). Isso demonstra “claramente como as mulheres viviam ativamente a diaconia dentro da comunidade primitiva” (ERNST, 1985, p. 358). E, com isso, as mulheres aproximam-se do ensinamento do Mestre Jesus que ensinava como aquele que serve (Lc 22,27b).

Grasso (1999, p. 232-234) relata que, em seu evangelho, Lucas destaca que para aderir a Jesus deve-se primeiro refletir qual é a importância que se dá ao patrimônio que possui, e adverte que “a vida do homem não é assegurada por seus bens” (Lc 12,15), e até mesmo exorta: “vendei vossos bens e dai esmola” (Lc 12,33). Porém, de acordo com Bovon, *diakonéo* não designa só a ajuda em dinheiro; para ele, “Lucas emprega este verbo em sentido pleno e concreto, ou seja, as mulheres foram responsáveis pela organização prática da comunidade reunida em torno de Jesus” (2005, p. 565-566). O relato dos Atos dos Apóstolos apresenta uma comunidade que vai se formando a partir do desejo de se colocar em comum, além de bens econômicos, os carismas e dons de cada um (At 2,44-45).

As mulheres são contempladas por Grasso como “testemunhas da identidade entre o Ressuscitado e o Jesus histórico” (1999, p. 232-234). Mais tarde, essas mulheres são as mesmas que assistem na hora da morte e por ocasião da sepultura de Jesus (Lc 23,49-55); depois, são elas as testemunhas e destinatárias do evento ressurreição (Lc 24,1.9-10), e estão presentes na origem da Igreja (At 1,14). De fato, pode-se afirmar como Stöger: “as mulheres da Galileia fazem

parte dos alicerces da Igreja. Lucas lhes erige um monumento” (1984, p. 230). Assim, as mulheres são estreitamente associadas aos Doze, embora se distingam deles e “com o seu serviço doam a esta comunidade peregrinante a possibilidade de viver, desempenham a primeira função necessária, tipicamente materna” (FAUSTI, 2011, p. 232).

### 3. Reflexão teológica

A perícopes de Lc 8,1-3 relata que Jesus faz uma peregrinação missionária pela Galileia, porém Ele não está só. É de seu querer a colaboração de pessoas do meio do povo. Lucas, ao frisar que Jesus era acompanhado por um grupo de homens e mulheres, indica que a mensagem do anúncio do Reino não se faz de forma individual, há a necessidade de se fazer comunidade para que o Reino aconteça.

As mulheres que fizeram a experiência da misericórdia de Jesus passaram a segui-lo. O acolhimento que Jesus dá a essas mulheres ressoa em suas vidas como amor misericordioso de Deus que foi dispensado a elas. Jesus faz desaparecer todas as cercas e as separações que a lei da época estabelecia. Ele as acolhe em seu meio, mostrando que o Reino de Deus é para todos. Também devolve a elas toda a dignidade de pessoa humana à qual eram merecedoras. A pedagogia de Jesus é diferente de todo o costume rabínico, como atesta Mazzarolo:

Ele constitui mulheres discípulas (Lc 8,1-3) e elege a mulher, na abertura e no fechamento da sua missão, como parte integrante do ministério discipular (Lc 1,5ss começa nomeando Isabel como parte determinante para o nascimento do precursor – ela era da descendência de Aarão; sem falar em todo o contexto lucano no tratamento da mulher, e no final do seu evangelho, em 24,9, o evangelista se preocupa com o testemunho das mulheres; Jo 2,1-12, nas bodas de Caná, coloca a mulher como o centro da sensibilidade; e em Jo 19,25-27, no alto da cruz, Jesus envia mãe e filho juntos (2004, p. 268).

A atitude de Jesus e sua conduta com este grupo feminino desperta uma *práxis* eclesial de inclusão. Fiorenza contribui afirmando que Jesus deixa transparecer em seu ministério “que Deus é experimentado como amor inclusivo” (1992, p. 164), o qual não exclui, mas integra mulheres, homens, prostitutas, samaritanos e piedosos fariseus. Com seu modo de agir, Jesus inaugura um ministério onde todos são convidados, não há espaço para exclusão. Dessa forma, cria uma nova comunidade mediante a participação de mulheres e homens juntos, pois Deus ama incondicionalmente e “faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva entre justos e injustos” (Mt 5,45). Além do mais, esta inclusão feminina lança nova característica no perfil do discipulado, segundo Mazzarolo:

...um discipulado na fidelidade e perseverança até as últimas consequências. As formas com que elas entram na vida e na missão de Jesus é diversa,

mas a forma como o seu seguimento é apresentado aponta sempre para um modelo fiel e radical (2004, p. 268).

Outra faceta necessária de ser analisada refere-se ao resultado que este seguimento trouxe ao grupo das mulheres. Para isso, é oportuno trazer à lembrança a narrativa do cego de Betsaida (Mc 8,22-26) que foi, progressivamente, recuperando sua visão. Da mesma forma, também é crescente o modo que Jesus se revela às mulheres bíblicas. Na perícopes indica-se que a cura que Jesus realizou a estas mulheres despertou nelas o primeiro encantamento, viram a princípio, de uma forma um tanto embaçada, que “aquele Homem” tinha algo diferente, por isso, passaram a acompanhá-lo e servi-lo com os recursos que possuíam (Lc 8,3b); em outro episódio (Lc 23,49), as mulheres estavam ao longe, olhando e, com certeza, distintamente viam que Jesus era o Filho de Deus. Seus olhos de fato se abriram totalmente ao vislumbrar o túmulo vazio e ao poderem ser as primeiras a testemunhar a grande notícia da história da humanidade: Jesus ressuscitou.

O crescimento na fé em Jesus Cristo, verificado na vida destas mulheres, despertou nelas o desejo de se colocarem a serviço d’Aquele pelo qual se encantaram desde o primeiro encontro. Mediante a cura e libertação de seus males e de tudo o que as impedia de serem mulheres e discípulas “elas respondem e põem em jogo sua liberdade ao se encontrar com a graça de Deus derramada em Jesus. Portanto, é uma maneira diferente de plantar uma vocação” (ESTÉVEZ, 2012, p. 115).

A partir deste “vislumbrar-se pela pessoa de Jesus”, temos presente na Igreja a participação feminina inserida na ação evangelizadora da Igreja. Assim, informa Lina Boff quanto às notícias que Lucas relata em Atos dos Apóstolos:

Vemos a participação das mulheres no trabalho missionário, e muitas delas se destacam pelo testemunho de fé e pela incansável dedicação nas atividades missionárias das comunidades cristãs. A participação dessas mulheres funda suas raízes, na experiência de fé, que elas fizeram ao se encontrarem com o Jesus da ressurreição na manhã de páscoa. Estas participam realizando a prática da Palavra que ouvem, na liberdade; rompendo com a velha prática da submissão e da desigualdade; e se antecipando ao movimento do Reino de Deus inaugurado por Jesus, durante sua vida terrena, com seu anúncio na manhã da páscoa (1998, p. 119-120).

Nesta peregrinação Jesus assume o verdadeiro papel de diácono ao proclamar, anunciar o Reino e curar as mulheres. É uma afirmação de Jesus que encontramos em Lc 22,27: “Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve”<sup>22</sup>. Isso vem reforçar que o verbo “servir” atinge uma dimensão de diaconato o que

2. O termo encontrado nos escritos originais é *diakonón*.

não dá para reduzir a um servir apenas com bens materiais. O alcance é maior e vai além disso. O serviço que as mulheres prestam se dá a partir das possibilidades que cada uma possuía em sua essência.

Trata-se de um servir na plenitude como o da mulher que dá esmola no Templo (Mc 12,43). As poucas moedas que ela ofereceu eram o “tudo” que ela poderia doar. Da mesma forma, a cura das mulheres da perícopes foi plena, assim como a doação de serviço que elas oferecem à comunidade que estava se formando. Assim também afirma Dirce Guizzo ao refletir sobre a totalidade da cura e do serviço contida na perícopes em estudo:

No primeiro versículo, conjugando o feminino e o masculino está Deus, que é exterior e interior, fonte de todas as possibilidades do ser e do não ser, cujo Reino é anunciado por homens e mulheres. No segundo versículo estão as curas realizadas por Jesus pelo poder de Deus, e estas são integrais, compreendendo a totalidade das necessidades interiores e exteriores apresentadas a Jesus por homens e mulheres. No terceiro versículo, no âmbito da diaconia, está o serviço exterior e interior, realizado a partir das possibilidades plenas da essência, que irmana homens e mulheres. Deus/Jesus (v. 1) é pleno como a cura (v. 2) e o serviço (v. 3) são plenos. Os versículos se complementam e completam. No texto, como um todo coerente e interdependente, a integralidade do Deus do v. 1 se expressa na totalidade da cura realizada pelo Jesus Salvador no v. 2 e somente pode se coadunar com a ideia de diaconia se esta for expressa como possibilidade integral (total) de serviço a partir da essência, como nossa tradução do v. 3 (2005, p. 67).

Deste modo, sugere-se a tradução da perícopes de Lc 8,3b: “a partir de seus recursos” na conotação de um serviço pleno, com toda a integralidade de seu ser, com todas as suas possibilidades, com a totalidade de sua essência.

Este tema ocupou espaço na Conferência de Puebla na qual foi destacado que “a mulher com suas aptidões características deve contribuir eficazmente para a missão da Igreja, participando em organismos de planejamento e coordenação pastoral, catequese etc.” (2006, p. 845; 848). Quanto à missão da mulher no mundo, a Conferência de Puebla também destaca que sua presença se faz necessária nas realidades temporais, nas quais, com seu carisma próprio, contribui junto com o homem na construção de uma nova sociedade.

#### **4. Atualização**

A prontidão destacada na ação das mulheres que seguiam Jesus pelo povoado da Galileia é também vivenciada nas comunidades atuais. Hoje constata-se uma participação bastante ativa e marcante de um discipulado feminino que se formou em virtude de seu Batismo e compromisso com o projeto de Jesus. E, como foi verificado na análise da perícopes lucana, na qual as mulheres seguiam Jesus colo-

cando-se a seu serviço com as suas aptidões próprias, com as suas condições, percebe-se que a pedagogia do chamado de Jesus é para todos e todas. Este chamado não é condicionado à posição social, intelectual, de gênero ou racial.

O grupo feminino que se pôs a caminhar com Jesus, só o fez porque aquelas mulheres ficaram vislumbradas com o que ouviam e percebiam nas ações de seu mestre. No encanto e entusiasmo pela pessoa de Jesus pode-se constatar hoje uma participação feminina muito comprometida com as pastorais, executando muito bem seu papel de agentes da evangelização. O compromisso com o Reino de Deus faz com que tantas mulheres coloquem seus dons na construção das políticas públicas que visem o bem comum da população.

O Texto Base da Campanha da Fraternidade de 2018, sobre as políticas públicas, tem como lema: “Serás libertado pelo direito e pela justiça” (Is 1,27). Foi isso que fizeram as mulheres de Lc 8,1-3. Libertadas das amarras que as impediam de serem sujeitas e protagonistas, elas se colocaram a serviço de Jesus e do Reino. A CF/2019 dedica o número 142, inteiro, sobre o modo como Jesus se relacionou e valorizou as mulheres, acolhendo-as, incluindo-as no grupo dos seus seguidores.

Nesse sentido, as mulheres, com seus recursos, seus dons e possibilidades estão cada vez mais inseridas na vida social, com “atuação direta nas instâncias de organização da sociedade, como em ONGs, conselhos populares, associações de moradores, partidos políticos, cargos de governo colaborando na construção das políticas públicas participando “em tudo o que é humano e que constrói um mundo mais humano e que nos humaniza” (CF/2019, n. 173).

O Papa Francisco ressalta que “cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização” (2013, n. 120). Esta é a voz atual do Magistério da Igreja, que não estipula critérios para servir ao Senhor.

Também é importante ressaltar um diaconato que se faz nos bastidores. Um serviço que não aparece, que está inserido nas entrelinhas dos resultados positivos da evangelização. Trata-se das protagonistas de um mundo novo em que atuam com pequenos gestos de fraternidade e que não estão infiltradas nas pastorais das comunidades.

### **Considerações finais**

A análise da perícopa de Lc 8,1-3 permite afirmar que o termo *yparchónton*, empregado por Lucas, em 8,3b, para definir o tipo de serviço que as mulheres que seguiam Jesus, pode ser traduzido com um significado para além de “bens” materiais e econômicos. Essas mulheres serviam a Jesus com seus recursos, com suas possibilidades, com seu jeito, suas capacidades e potencialidades.

Assim como aquele grupo de mulheres que foram libertas das suas amarras, “demônios” e tudo o que as impossibilitava de exercerem sua condição de mulheres, atualmente as mulheres buscam encontrar o seu espaço e seu papel de sujeitas e protagonistas. Nas pastorais e ministérios, são elas que dão um novo jeito de ser Igreja. Na sociedade civil, cada vez mais as mulheres ocupam novos espaços, atuando em diferentes organizações e instâncias, colaborando na construção de uma sociedade justa e fraterna. No tocante às políticas públicas, as mulheres têm-se destacado nas lutas em busca de conquistar e garantir direitos básicos e fundamentais para a população.

Por serem as mulheres que mais sentem a ausência do Estado nos setores vitais, como saúde, habitação, meio ambiente, educação etc. são também elas a colocarem os seus recursos e a própria vida a serviço do Reino de Deus e de um projeto com inclusão, já que “uma nova sociedade não acontece por meio de leis e decretos, mas com a participação de todas as pessoas” (Texto Base, n. 262). Com sua participação e seus recursos, as mulheres dão um rosto novo e diferente à Igreja e ao mundo, com mais ternura e esperança. Esse mesmo efeito deve ter acontecido com aquelas mulheres que se inseriram no grupo de seguidores e seguidoras de Jesus de Nazaré.

*Cleide Bom Rodrigues  
Ildo Perondi  
Patrícia Zaganin Camilo Rosa*

## Referências

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2003.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- BÍBLIA Sagrada. Tradução dos textos originais, com notas, dirigida pelo Pontifício Instituto Bíblico. São Paulo: Paulinas, 1967.
- BÍBLIA. Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.
- BOFF, M.L. *Espírito e missão na obra de Lucas* – Para uma Teologia do Espírito. São Paulo: Paulinas, 1998.
- BOVON, F. *El Evangelio según San Lucas*. 2. ed. Salamanca: Sígueme, 2005.
- BUZZETTI, C. *Dizionario base del Nuovo Testamento* (con statistica-base) greco-italiano. Roma: Società Biblica Britannica, 1994.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Texto Base da Campanha da Fraternidade 2019*. Fraternidade e Políticas Públicas. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Puebla: Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2006.

CREMASCHI, L. *Donne di comunione*. Magnano: Qiqajon, 2013.

ERNST, J. *Il vangelo secondo Luca*. Bréscia: Morcelliana, 1985.

ESTÉVEZ, E. *Qué se sabe de... Las mujeres en los orígenes del cristianismo*. Navarra, Espanha: Editorial Verbo Divino, 2012.

FAUSTI, S. *Una comunità legge il Vangelo di Luca*. Bologna: EDB, 2011.

FIORENZA, E.S. *As origens cristãs a partir das mulheres – Uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

FITZMYER, J.A. *El evangelio según Lucas*. Madri: Cristiandad, 1987. V. 2.

FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

GRASSO, S. *Luca*. Roma: Borla, 1999.

GUIZZO, S.D. *Maria Madalena: Luzes e sombras na urdidura de uma imagem*, 2005. Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

MAZZAROLO, I. *Lucas em João – Uma nova leitura dos Evangelhos*. 2. ed. Porto Alegre: Comunicação Impressa, 2004.

\_\_\_\_\_. Paulo e os conflitos na antropologia feminina. *Revista Caminhos*. Goiânia, v. 9, n. 2, p. 261-311, jul./dez. Goiânia, 2011.

McKENZIE, J.L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2003.

SPINETOLI, O. *Luca: il vangelo dei poveri*. Assisi: Cittadella, 1999.

TAYLOR, W.C. *Dicionário do NT Grego*. 10. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 2002.

ZERWICK, M.; GROSVENOR, M. *A Gramatical Analysys of the Greek New Testament*. Roma: Pontificio Instituto Bíblico, 1996.

ZORELL, F. *Lexicon Graecum*. Novi Testamenti. 3. ed. Paris: Sumptibus P. Lethiel-leux, 1961.